

# Da teoria *queer* às reflexões políticas, homossexuais e o diálogo com a contemporaneidade: uma leitura de *Stella Manhattan*, de Silviano Santiago

## From Queer Theory to Political Reflections, Homosexuals and Dialogue with Contemporary Society: A Reading of *Stella Manhattan*, by Silviano Santiago

Allan Lucas dos Santos Pereira  
Universidade Federal de Roraima (UFRR)  
allanlucas.122@gmail.com

Francisco Alves Gomes  
Universidade Federal de Roraima (UFRR)  
francisco.alves@ufrr.br  
<https://orcid.org/0000-0002-5622-5028>

**RESUMO:** Este artigo traz uma análise do romance *Stella Manhattan* (1985), de Silviano Santiago, averiguando-se o papel da literatura — em especial a *queer* — como ferramenta de resistência e porta-voz das comunidades marginalizadas. A narrativa de Santiago é examinada a partir de três eixos principais: a abordagem da homossexualidade, a crítica ao contexto da Ditadura Militar brasileira, ainda que situada em Nova Iorque e o diálogo com a contemporaneidade. O trabalho discute como a literatura *queer* dá voz a esses sujeitos silenciados pela tradição do nosso cânone literário, evidenciando experiências de preconceito, exílio, travestismo e violência, mas também de linguagem, afeto e resiliência. Fundamentam esse trabalho autores como Paco Vidarte (2008), Rildo Cosson (2006), Fernanda Bartolomei (2010), Lunguinho (2019) e Medeiros (2019). A relevância da pesquisa está situada em evidenciar a atualidade da obra, visto que muitos dos diálogos e das questões políticas e identitárias discutidas ainda atravessam a sociedade brasileira contemporânea.

**PALAVRAS-CHAVE:** literatura *queer*; *Stella Manhattan*; homossexualidade; política; contemporaneidade.

**ABSTRACT:** This article analyzes Silviano Santiago's novel *Stella Manhattan* (1985), examining the role of literature—especially queer literature—as a tool of resistance and a voice for marginalized communities. Santiago's narrative is examined from three main perspectives: its approach to homosexuality, its critique of the Brazilian military



dictatorship, despite being set in New York, and its dialogue with contemporary issues. The work discusses how queer literature gives voice to those silenced by the tradition of our literary canon, highlighting experiences of prejudice, exile, transvestism, and violence, but also of language, affection, and resilience. This work is based on authors such as Paco Vidarte (2008), Rildo Cosson (2006), Fernanda Bartolomei (2010), Lunguinho (2019), and Medeiros (2019). The relevance of the research lies in highlighting the relevance of the work today, given that many of the dialogues and political and identity issues discussed still permeate contemporary Brazilian society.

KEYWORDS: *queer* literature; *Stella Manhattan*; homosexuality; politics; contemporaneity.

## Introdução

No presente trabalho, procuramos desenvolver um estudo como espaço de luta e resistência das comunidades marginais, bem como dos aspectos políticos e homossexuais presentes na leitura do romance *Stella Manhattan* (1985), os quais dialogam com as pautas da comunidade LGBTQIAPN+ na contemporaneidade.

A obra centra-se na personagem Stella Manhattan (ou Eduardo Costa e Silva), que, em exílio, devido à ditadura no Brasil e à sua orientação sexual, é expulso de casa pelos pais e passa a residir na cidade de Nova Iorque. Na trajetória de Stella/Eduardo, observaremos, além dos pontos voltados para a ditadura militar, a construção da identidade Stella/Eduardo enquanto impasse e liberdade, os preconceitos e violências oriundos tanto da comunidade quanto da sociedade hegemônica e/ou tradicional, a linguagem homossexual como ato de resistência, a construção *bilateral* das personagens e entre outras importantíssimas questões captadas com a leitura do romance.

Embora este artigo dialogue com debates mais amplos sobre dissidências sexuais e gêneros, é importante ressaltar que a experiência representada em *Stella Manhattan* não deve ser tomada como tradução totalizante da comunidade LGBTQIAPN+. A personagem Stella/Manhattan inscreve-se em um espectro específico de dissidência — atravessado por homossexualidade, travestismo, performatividade de gênero e exílio —, de modo que sua leitura exige atenção às singularidades da narrativa e às limitações de qualquer generalização identitária.

Dentre os pontos citados, reconhecendo e apreciando suas importâncias e complexidades, para compor nosso trabalho, abordaremos apenas dos aspectos homossexuais e políticos utilizados na construção das personagens e na elaboração da narrativa. Nesse contexto, veremos como a edificação das *personas* contribui para um olhar direcionado para o preconceito e ao silenciamento da comunidade LGBTQIAPN+, ocasionados pelo regime militar, mesmo com um

enredo situado em Nova Iorque. Além disso, analisaremos também como Silviano Santiago evidencia os aspectos citados, contornando a literatura tradicional e aproximando *Stella Manhattan* da realidade da comunidade. É importante ressaltar que as questões aqui analisadas, infelizmente, ainda se perpetuam na sociedade brasileira contemporânea.

## Literatura *queer*: humana e resistente

Sabemos que a literatura é uma arte que nos permite ver além das produções literárias. Ela quebra suas próprias barreiras e passa a ser analisada como uma arma social de grande poder humanitário, “ela é fator indispensável de humanização e, sendo assim, confirma o homem na sua humanidade, inclusive porque atua em grande parte no subconsciente e no inconsciente” (Candido, 2004, p. 187). Com ela, é possível compreender não somente a nós mesmos, mas também o outro, auxiliando em nossa formação como seres humanos e nos transmitindo conhecimentos acerca das diversas identidades humanas e culturas ao longo dos inúmeros períodos de nossa história. Conforme Cosson (2006):

A experiência literária não só permite saber da vida por meio da experiência do outro, como também vivenciar essa experiência. A ficção feita palavra na narrativa e a palavra feita matéria na poesia são processos formativos tanto da linguagem quanto do leitor e do escritor. Uma e outra permitem que se diga o que não sabemos expressar e nos falamos de maneira mais precisa o que queremos dizer ao mundo, assim como nos dizemos a nós mesmos (Cosson, 2006, p. 17).

Ela nos evidenciará não somente ficções ou meras histórias, mas também a “mimesis real” com realidades e fatos, atuando como um documento historiográfico e nos proporcionando causas, identidades, comunidades, vozes, lutas e resistências. Ainda sob esse prisma, os textos literários não podem ser considerados como “neutros”, uma vez que neles há representações de valores e ideais. Acerca desse ponto, Fernandes (2011) nos diz:

[...] a utilização de textos literários como fontes discursivas pressupõe considerá-los como documentos de época, que contêm aspectos históricos e culturais que nos possibilitam compreender os contextos políticos, ideológicos e culturais de um determinado período histórico (Fernandes, 2011, p. 3).

Assim, passamos a observá-los como uma forma de representação e de criação de sentidos para a realidade, servindo também como uma poderosa ferramenta sociocultural desses grupos sociais.

Nessa linha de pesquisa, observamos a consolidação do que hoje chamamos de literatura *queer*, cujo impulso teórico e crítico se intensifica especialmente a partir dos anos 1990. Acerca do termo “queer”, entende-se que:

[...] nasceu a partir dos estudos culturais, uma área que abrange inúmeros fatores e tem, como um dos objetivos, o estudo das classes sociais que estão à margem da sociedade, sendo os homoafetivos os componentes de uma dessas esferas (Penha Oliveira; Santos, 2021, p. 3).

É importante reconhecer que, nesse período, o termo “queer” não se referia apenas às temáticas dissidentes de sexualidade e gênero, mas também às formas pelas quais certos autores encontravam — ou não — espaço para circulação. Contudo, esse quadro não se aplica de maneira homogênea: enquanto muitos escritores *queer* dependiam de redes alternativas de publicação, editoras artesanais, fanzines e eventos comunitários para se afirmar, outros — como Silviano Santiago — já possuíam inserção institucional consolidada e não enfrentaram obstáculos significativos de circulação. Assim, seu vínculo com o campo *queer* se dá sobretudo pela dimensão estética, política e temática da obra, e não por uma condição marginalizada de publicação.

Além disso, faz-se necessário cautela ao empregar “queer” e “comunidade” como categorias totalizantes. No Sul Global — especialmente no Brasil —, dissidências sexuais e de gêneros são permeadas por marcadores como classe, racialização, violência de Estado, territorialidade e precarização, de modo que vivências gays, lésbicas, travestis, bissexuais e trans não podem ser compreendidas como experiências equivalentes. Cada vivência é única. Dessa forma, o uso do termo “queer” neste trabalho refere-se menos a uma identidade fixa e mais a um campo crítico que tensiona normas de gênero e sexualidade, reconhecendo as especificidades histórico-culturais da experiência brasileira.

No contexto brasileiro, em especial com o romance *Stella Manhattan*, a literatura *queer* reivindica visibilidade ao discutir dissidências sexuais, performatividades de gênero, travestilidades, homoafetividade e marcadores interseccionais como raça, classe e território. Silviano Santiago, bem como os demais autores que compõem esse eixo literário, atua denunciando a violência simbólica e estrutural, questionando normas hegemônicas e reivindicando outras formas possíveis de

existência. Em muitos casos, esses textos emergem em diálogo com movimentos sociais, coletivos urbanos, práticas culturais periféricas e espaços comunitários que tomam a escrita como instrumento de afirmação identitária e resistência política.

Estudar a literatura em questão significa reconhecer também que autor e texto, juntamente com sua escrita literária, poderão:

(a) incorporar essas representações, reproduzindo-as de maneira acrítica; (b) descrever essas representações, com o intuito de evidenciar seu caráter social, ou seja, de construção; (c) colocar essas representações em choque diante de nossos olhos, exigindo o nosso posicionamento — mostrando que nossa adesão, ou nossa recusa, que nossa reação diante dessas representações nos implica, uma vez que fala sobre o modo como vemos o mundo, e nos vemos nele, sobre como se dá nossa intervenção na realidade, e as consequências de nossos atos (Dalcastagnè, 2007, p. 2).

Reconhecemos aqui o “texto” como um termo plural e diverso, ou seja, “ele sobrevive, hoje, em versões politizadas, como nas abordagens pós-coloniais; tecnicizadas, como na linguística e análise do discurso; ou como figura de fundo, uma personagem conceitual secundária na narrativa de diversas teorias” (Barthes *apud* Durão, 2011, p. 68). Nesse viés, poderemos ver, a partir dessas construções, que as *personas* (gays, lésbicas, travestis, bissexuais, transexuais e afins) que antes eram apagadas ou silenciadas, ganharam voz e se tornaram protagonistas de sua própria história dentro desses textos literários.

Dessa forma, a literatura *queer* surge então como porta-voz desses segmentos sociais que são postos à margem da sociedade por não condizerem com o *status quo* tradicional — uma sociedade cujo cânone literário é composto por homens, brancos, supostamente heterossexuais, cisgênero, oriundos da região Sul ou Sudeste do país. Ainda sobre esse contexto, pode-se observar:

Quando os estudiosos surgiram com a ideia de destacarem os sujeitos que eram considerados estranhos pelos seus comportamentos, combinados com sua sexualidade, desejavam abraçar toda a “anormalidade” que lhes era atribuída, ou seja, a nomenclatura da teoria surge como forma de afronta (Penha Oliveira; Santos, 2021, p. 4).

Isso, certamente, reduz e restringe a percepção (e mesmo a visibilidade) de aspectos e nuances do que se situa à margem desse cânone — desse olhar regulador e normatizador sobre a sociedade e sobre a arte literária. Esse afronte significa entender que a própria insistência em uma produção *queer* (em termos

geográficos, de distribuição, de temática) configura-se em resistência, luta e, até mesmo, educação. Por isso, é necessário visibilizar essas publicações, por meio de estudos e publicações acadêmicas dedicadas a elas.

## **Stella Manhattan: opressão, política, homossexualidade e travestismos**

Como exemplo de uma escrita *queer* nos deparamos com *Stella Manhattan*, publicada em 1985 por Silviano Santiago. No sentido teórico apresentado anteriormente, essa escrita *queer* manifesta-se como uma narrativa que rompe com normas de gênero e sexualidade ao desestabilizar categorias fixas. Narrando fatos históricos que ocorreram tanto no Brasil quanto nos Estados Unidos, o romance nos apresenta uma abordagem do tipo ficção-política: “Silviano Santiago se destacou na literatura contemporânea brasileira com obras plurais que misturam ficção e realidade, bem como literatura e história” (Lunguinho, 2019, p. 35). O autor preocupou-se com todos os detalhes possíveis para a composição da obra, desde a elaboração da capa até a construção narrativa. Em relação às capas das variadas edições brasileiras, são sempre provocativas — especialmente se considerarmos a década de publicação —, em que o elemento *queer* era visto como um espanto e escândalo, algo a ser evitado, jamais evidenciado. Esse recurso dialogou diretamente com a estética *queer* da provocação e da performatividade, que desafia representações heteronormativas.

A respeito da obra, Bartolomei (2010, p. 5) nos diz que: “possui narração fragmentária e múltiplos personagens explicando sua condição, a obra desconstrói todo o ambiente heteronormativo, mas ao mesmo tempo constrói uma nova identidade do sujeito subalterno”. Essa desconstrução se articula com o princípio *queer* de questionar normas reguladoras da sexualidade, evidenciando como tais identidades emergem em oposição à heteronormatividade. Tendo como pano de fundo a cidade de Nova Iorque, captamos na narrativa a liberdade e a opressão na vivência das personagens exiladas, que residiam na cidade naquela época.

Stella/Eduardo foi exilada de seu país de origem por causa de sua orientação sexual e do contexto histórico da época, o que leva a repressão militar a ganhar notório destaque no romance — período em que “a cultura do macho se fortalecia neste ambiente católico, patriarcal e homofóbico e tinha como imagem o homem do exército, viril e forte” (Bartolomei, 2011, p. 2), algo que, de certa forma, ainda se reflete na contemporaneidade. Esse processo revela, conforme discute a teoria *queer*, como regimes normativos constroem certas existências como ilegítimas,

produzindo violência estrutural contra corpos dissidentes. O exílio é uma forte marca do período ditatorial presente na narrativa, consequência da opressão sofrida pelos grupos LGBTQIAPN+.

O motivo do exílio de Stella/Eduardo não nos é explicitamente evidenciado, porém compreende-se que Eduardo revelara sua sexualidade aos pais. Estes, rigorosos conservadores, convidam o filho a ir morar em Nova Iorque, evitando, assim, possíveis conflitos com o regime militar da época e escândalo social.

No Brasil durante o período ditatorial a homossexualidade era vista como uma prática contra a moral e os bons costumes sociais. Deste modo, todos aqueles que expressassem sua opção sexual eram tidos como ameaça à segurança da nação e por sua vez tinham que “desaparecer” da sociedade, seja este desaparecimento feito de forma forçada ou voluntária (Bartolomei, 2010, p. 19).

Essa dinâmica expressa mecanismo de abjeção descrito pelos estudos *queer*, que expulsa certas identidades do campo do reconhecível para manter a ordem tradicional e heteronormativa. Havia — e ainda há — a preocupação da maioria da sociedade tradicional em “apagar” essas comunidades por não apresentarem ou seguirem os ideais conservadores. Essa visão põe em risco o lugar bem delimitado que as sexualidades ocupam no país: “[...] certas sexualidades não encontram lugar na dinâmica social e cultural brasileira” (Bartolomei, 2010, p. 8). Esse apagamento ecoa a noção *queer* de que identidades dissidentes são empurradas para a zona de invisibilidade social, produzidas como vidas sem valor. A repressão voltada para esses grupos sociais é bastante nítida na narrativa. Com Stella/Eduardo, vemos a exclusão e a opressão que a sociedade impôs aos indivíduos que não se encaixavam ao tradicionalismo — em específico, os homossexuais —, o que resultará no desaparecimento da personagem no desfecho da obra. Esse desaparecimento também se alinha ao conceito de precariedade *queer*, que evidencia como certas vidas são historicamente expostas à violência e ao apagamento.

Contudo, faz-se mister ressaltar que o exílio de Stella/Eduardo não pode ser lido apenas como efeito direto da repressão, mas também como possibilidade atravessada por condições de classe. Ainda que a expulsão de casa e o deslocamento sejam vividos como trauma e ruptura, o fato de a personagem poder residir em uma metrópole global implica redes de suporte, capital cultural e acesso material que não se estendem de modo igualitário às dissidências sexuais no Brasil. Assim, a narrativa evidencia não apenas a violência contra corpos dissidentes, mas também as desigualdades que definem quem pode fugir, quem pode se reinventar e quem permanece exposto à precarização e à morte.

Diante das inúmeras opressões e episódios violentos, ainda é possível notar questões políticas positivas ao que diz respeito à comunidade. Um desses aspectos refere-se à linguagem adotada por Silviano Santiago: o autor adota o uso do “dialeto gay” ou “pajobá” como é conhecido pelos grupos LGBTQIAPN+. Segundo Borba (2020) o pajubá (ou ainda “pajoba” ou “bajubá”) significa “reexistência cultural e resistência à cis-heteronormatividade” (p. 403). Ainda segundo o autor, trata-se de um repertório linguístico historicamente associado a travestis, gays e outras dissidências sexuais e de gênero, com forte influências do vocábulo de matrizes afro-brasileiras, funcionando como forma de reconhecimento e proteção em contexto de violência e marginalização (p. 403). Dentro da perspectiva *queer*, a linguagem funciona como um espaço político de resistência, possibilitando a criação de vínculos comunitários e novas formas de subjetividade.

O “pajobá” “se apresentaria como um local a partir do qual seria possível negociar uma nova ética por meio da qual homos e heterossexuais, e outras identidades sexuais possíveis, conviveriam de maneira solidária” (Lima; Caetano, 2018, p. 7). Convém ressaltar que esse aspecto político adotado por Santiago aproxima ainda mais sua obra da comunidade LGBTQIAPN+, ao fugir de um sistema majoritariamente heteronormativo e ao nos evidenciar um universo altamente gay e artístico. “[...] Mais *maricona* do que nós duas juntas. Gosta é de levar porrada. Por-ra-da na cara! Entende?” (Santiago, 1985, p. 66, grifo nosso). “[...] Sei lá, é de salão. Meio gozada. De *bicha* para *bicha*, a gente diz que é *bicha* mesmo. Ou então *fanchona*, se for o caso” (Santiago, 1985, p. 52, grifo nosso).

Vidarte (2019, p. 54) aponta que a linguagem adotada por Santiago é apresentada como uma forma de resistência ao ambiente de chacota criado pela heteronormatividade, pois: “[...] essa sociedade, ao longo de sua longa história, só foi capaz de produzir termos pejorativos, irônicos, ofensivos, ridicularizantes, condescendentes ou divertidos, na melhor das hipóteses, para se referir a nós e a nosso modo de viver”. Santiago, então, recria, um ambiente de acolhimento, fugindo da visão de piada que é corriqueiramente atribuída às comunidades LGBTQIAPN+.

A exposição *bilateral* das personagens em *Stella Manhattan* também contribui significativamente para os aspectos aqui discutidos. Silviano apresenta uma leitura homo/sexual, realizando um jogo ambíguo entre “positivo e negativo” e entre “o pertencimento e a diferença”. Essa construção “ambígua” ou “fluída” funciona ainda como uma reflexão sobre os modos de sobrevivência do sujeito homossexual em regimes sociais marcados pela heteronormatividade e pela violência simbólica. Em diálogo com Silviano Santiago, no ensaio “Cosmopolitismo do pobre”, o autor propõe uma figura fluída que não se organiza a partir da transparência identitária,

mas a partir de estratégias de circulação, deslocamento e dissimulação, operando numa zona ambígua entre pertencimento e diferença. Ainda segundo o autor:

A dita “fluidez” a que me refiro precisa ser compreendida [...] como *enrustimento*, forma que possibilitaria a adequação da homossexualidade ao sistema capitalista de produção, uma vez que, de outra maneira, ocorreria o exílio: do núcleo familiar, do social e, por fim, do próprio país, como ocorre com Eduardo/Stella (Santiago, 2004, p. 202).

Temos, como exemplo dessa construção, o Coronel Viana — heterossexual, militar, do lar (a visão “positiva”) — versus Viúva Negra — homossexual, sadomasoquista (a visão “negativa”). Essa dualidade corresponde ao modo como a teoria *queer* analisa a tensão entre visibilidade normativa e expressões dissidentes que só podem existir em espaços liminares.

Ainda nesse contexto, é possível captar uma relação entre “dia e noite”, em que o *dia* seria o momento em que o “lado positivo” atua, e a *noite*, o “lado negativo”. O *lado positivo*, ou seja, o dia “pode ser visto como o momento em que a claridade do preconceito e da discriminação favorece a fiscalização e o controle de suas vidas pela sociedade conservadora, que manifesta seu repúdio em atitudes de violência e segregação” (Souza, 1991, p. 12). Essa divisão temporal dialoga diretamente com as *heterotopias queer* — espaços de permissão e controle que configuram quando e onde identidades dissidentes podem ou não existir. É durante o dia, por exemplo, que o Coronel Viana surge como o homem tradicional: adido militar, colaborador nas torturas e perseguições no Brasil, casado e pai de família. “[...] É meio longa a história. Você sabe, mulher, casa, colegas, fico muito visado” (Santiago, 1985, p. 55). “Já pensou, Eduardo, se pega fogo no consulado. Abrem a gaveta e bumba! Me expulsam do Exército” (Santiago, 1985, p. 55).

Em relação à noite, esta seria o momento de libertação — de dar voz aos sonhos e fantasias reprimidos durante o dia. É durante a noite que a Viúva Negra ataca suas vítimas, libertando seus desejos sexuais e sadomasoquistas.

A liberdade que os personagens de Santiago encontram durante a noite permite uma reflexão sobre a relação entre homo/sexualidade e o espaço e o tempo em que é permitida sua manifestação, pois é possível estabelecer uma forte ligação entre a livre manifestação da sexualidade e o espaço físico e temporal onde circulam esses personagens (Souza, 1991, p. 11).

Essa relação reforça o princípio *queer* de que a sexualidade é regulada espacial e socialmente, sendo autorizada apenas em zonas marginais. A liberdade noturna

só se concretiza em determinados locais frequentados por essas personagens. É interessante notar, com o Coronel Viana, que o preconceito e a violência surgem tanto do grupo social quanto da sociedade tradicional e conservadora.

No ensaio “O homossexual astucioso”, Silviano Santiago problematiza o verbo “assumir”, deslocando-o de uma leitura simplificadora — como se “assumir-se” fosse sempre um sinônimo de liberdade plena — para compreendê-lo como um gesto social atravessado por risco, vigilância e coerção normativa. Ao discutir a assimetria entre as sexualidades, o autor explicita que “coube aos homossexuais carregar na vida pública um fardo que o heterossexual não carregava nem carrega” (Santiago, 2000, p. 10), evidenciando que a visibilidade é historicamente marcada por desigualdade e violência. Tal perspectiva contribui para iluminar a construção de Eduardo/Stella e das demais personagens observadas em *Stella Manhattan*, cuja existência se organiza por espaços de trânsito entre a vida pública e a vida privada. Dessa forma, o romance evidencia ainda que, em contextos repressivos, a dissidência não se manifesta apenas por afirmação identitária, mas por estratégias de circulação, performance e dissimulação, nas quais “assumir” (ou “vestir a camisa” como o autor nos diz) pode significar tanto emancipação quanto exposição à violência.

As marcas da repressão militar estão fortemente presentes na construção das personagens, especialmente no Coronel Viana e o Professor Aníbal. Ambos podem ser entendidos como os “falsos moralistas” do período e do meio que conviviam. Esta representação se articula ao conceito *queer* de *biopolítica*, que revela como instituições regulam corpos e desejos para manter a ordem social. Viana mantém forte ligação com a Ditadura Militar brasileira, mesmo exercendo seu cargo no consulado de Nova Iorque, conforme Santiago (1985):

[...], mas nem pode imaginar a ficha que o coronel tem, foi mandado pra Nova Iorque pelos bons serviços nas masmorras da repressão, se eu te disser você não acredita, foi ele que deu início à tortura logo depois da morte do *Castelo Branco*, um sádico carniceiro (Santiago, 1985, p. 186, grifos nossos).

Essa visão, também nos é clara com a passagem: “[...] levou o know-how da guerra psicológica para os milicos brasileiros, pau-de-arara, choque no saco e aqueles baratos todos” (Santiago, 1985, p. 186). O autor expõe esse triste momento histórico por meio da ligação entre personagem e contexto.

O jogo entre o dia e a noite se estabelece ainda de maneira irônica, pois a possibilidade de manifestar-se identitariamente ocorre na penumbra, enquanto

a violência contra o próprio eu — contra a identificação de uma conduta e desejo — se impõe à luz do dia. Da mesma forma, a violência física da Ditadura se dá às claras, defendida como necessária para “corrigir rumos do país”.

O horror provocado pela Ditadura Militar torna-se ainda mais evidente no “Resumo” do texto narrativo, com os relatos ouvidos pela *persona* Marcelo. Os militares semeavam o terror nas ruas, homens se vangloriavam pelo exercício do poder, e pessoas inocentes eram violentadas, exiladas, mortas e desnacionalizadas por viverem em desacordo com os duros valores tradicionais da época. Um dos trechos mais impactantes sobre esse período ditatorial pode ser lido na seguinte passagem:

A Aeronáutica chegava a requintes de perversidade na tortura. Estávamos de volta aos tempos da Gestapo (policia secreta do estado nazista). A luta entre as três armas para definir o sucessor de Costa e Silva fazia que cada uma mostrasse os dentes afiados de tigre e as garras prontas para a rapina da presidência. Quem mata, leva. A arma mais dura ganharia o pleito. Os companheiros começavam a ficar apavorados com os relatos vindos lá de dentro. Pau-de-arara. Choque elétrico nos colhões, na boceta, no cu ou nos bicos dos seios. Banhos gelados de imersão. Salas com mudança brusca de temperatura. Interrogatórios infundáveis. Violência violência violência. Sede. Fome. Solidão [...] (Santiago, 1985, p. 235).

A alusão aos fatos ocorridos no período ditatorial, expressa no discurso literário, funciona como extração histórica, permitindo observar e compreender o quão severos foram esses anos, como aponta Lunguinho (2019):

Silviano convida o leitor a reviver os anos de repressão, escolhendo o ano 1969 para retratar um período tão significativo para a história do país. A plástica do texto permite que as histórias transformem-se, assim como as personagens, sendo, pois, a duplicidade uma das principais características do romance (Lunguinho, 2019, p. 44).

Essa utilização da história dialoga com a crítica *queer* ao mostrar como sistemas políticos produzem identidades dissidentes como alvo. Para muitos brasileiros, o excerto que elenca os métodos de tortura parece apenas ficção comunista. No entanto, os relatos compilados em *Brasil: Nunca Mais* (1985), resultado de um projeto homônimo da Arquidiocese de São Paulo, comprovam com farta documentação a veracidade dos eventos.

Transformar histórias e personagens, investindo na duplicidade como uma das principais características do romance, como ressalta o excerto, permite colocar em perspectiva a história nacional. Isso possibilita captar a construção *bilateral*

com Stella/Eduardo, mas por um viés mais amplo, pois Stella/Eduardo se mostra “com ‘o pé lá, outro cá’, de dentro para fora e vice-versa” (Souza, 1991, p. 6). É possível observar passagens em que uma interage com a outra ou em que as duas aparecem juntas. Essa duplicidade corresponde diretamente ao princípio *queer* de identidade como performance e multiplicidade: “Eduardo já ria das graças de Paco com o risinho malicioso e cúmplice da sua futura amiga íntima, Stella Manhattan” (Santiago, 1985, p. 34). “Por não a ter levado a Woodstock naquele verão, Stella proibira Eduardo de ir ao cinema por um mês e de tomar sorvete de ameixa também” (Santiago, 1985, p. 21).

Entende-se por *performance* o conjunto de normas que a cultura heteronormativa impõe às práticas compreendidas como femininas ou masculinas (Butler, 1990, p. 8, tradução nossa). Todavia, em *Stella Manhattan*, observa-se a quebra desse padrão binário — masculino/feminino —, uma vez que o romance evidencia que a identidade de gênero por trás das expressões de gênero é construída por meio da *performance constituída* (Rodrigues, 2012, p. 150 *apud* Butler). Nesse sentido, a persona Stella pode ser interpretada como o desdobramento de Eduardo, isto é, uma outra identidade do mesmo sujeito, compreendida como “[...] um tipo de performance que pode se dar em qualquer corpo, portanto desconectado da ideia de que a cada corpo corresponderia somente um gênero” (Rodrigues, 2012, p. 150 *apud* Butler).

Ao captar a edificação da persona por esse olhar, adentramos à concepção do *travestismo*: “O travestismo constitui-se como uma das alternativas usadas por Santiago para descrever as noções brasileiras de sexualidade e cultura” (Quilan, 2009, p. 2). O travestismo, tal como analisado pela teoria *queer*, funciona como transgressão das normas de gênero e desnaturalização das fronteiras entre masculino e feminino. Nessa perspectiva, observa-se um travestismo bem articulado e elaborado na construção da protagonista da obra.

O travesti ostenta à superfície da sua aparência o que de mais profundo há nele, a sua própria subjetividade, montada peça por peça, cor por cor, cílio por cílio, salto por salto, em que cada mínimo detalhe é pensado de modo a produzir um determinado efeito retórico (Ornellas, 2009, p. 24).

É notória a ostentação da aparência em *Stella Manhattan*: ela está sempre alegre, luxuosa, gosta de se exhibir e não se importa com o julgamento alheio:

Expira e abre os braços como vedete na apoteose final de teatro de revista da Tiradentes e, se tivesse uma escada na sua frente, galgaria degrau após degrau

entre plumas, strass e paetês, luxuosamente, luxuriosamente galgaria os degraus até chegar ao topo de onde em afinado e longo trinado, jogando beijos, beijos e mais beijos para os admiradores que gritam em delírio: “É a maior! É a maior!”, de onde tremularia a voz num agudo que ribombaria pelas abóbadas do céu de Manhattan sob os aplausos frenéticos da plateia. Stella Manhattan: Estrela de Manhattan (Santiago, 1985, p. 12).

Deparamo-nos com um verdadeiro “jogo de máscaras” ao observar Stella/Eduardo, visto que essa dimensão não ocorre em todo o romance, mas na medida das emoções da personagem. Essa alternância incorpora a noção *queer* de subjetividade mutável e dinâmica. O travestismo como escrita, adotada por Santiago, é um forte aspecto de luta e resistência da comunidade LGBTQIA+ no texto. Ao tecer essa concepção, o autor não está transformando uma verdade, mas sim, reforçando-a por meio da linguagem:

O travestimento como escrita, assim como uma própria escrita transformista, não é uma ocultação da verdade, mas uma técnica e uma arte que expõem todas as potencialidades do corpo na construção da própria subjetividade, um traço do estilo homoerótico de viver, estilo que a sociedade contemporânea, à semelhança do romance de Silviano, cobra dos seus sujeitos, enquanto disponibilidade para o outro e para si mesmo, disponibilidade para o aprendizado e para a mutação das emoções e dos desejos (Ornellas, 2009, p. 25).

Reconhecer a escrita por esse viés, ou reconhecer Stella/Eduardo como travesti, é reconhecer também que, assim como as mulheres trans, as travestis são as que mais sofrem preconceito dentro da comunidade. Talvez essa seja também a razão pela qual a personagem desaparece sem deixar pistas, talvez seja essa uma das razões ainda pela qual um rapaz é preso, estuprado e morto de forma horrenda dentro de uma prisão, por ter sido confundido com Stella/Eduardo. Esse desaparecimento final, como já citado, reforça o que a teoria *queer* identifica como precariedade das vidas dissidentes, constantemente ameaçadas por discursos e práticas normativas.

## **A literatura não tão distante da realidade**

Os desafios das comunidades LGBTQTIAPN+ evidenciados pela leitura do texto narrativo infelizmente condizem bastante com a realidade vivida por muitas pessoas da comunidade hoje em dia. Elas são classificadas como “minorias sociais” e, por conta disso, são forçadas a resistirem o dobro, forçadas a gritarem ainda mais alto por respeito, igualdade e espaço.

[...] voz qualitativa que envolve a ação social, ética e política de um grupo que, movido por um impulso, visa conquistar reconhecimentos identitários, transformar relações desiguais e reivindicar sua presença nas decisões de poder. Por essa perspectiva, o grupo é visto menos como quantitativamente definido e mais pela sua identificação social e pela vulnerabilidade jurídico-social compartilhada entre seus membros (Medeiros, 2019, p. 1).

Do ano de 2018 até hoje, percebe-se um retorno aos valores e ideias postulados no período ditatorial. Com a política do ex-presidente, Jair Bolsonaro, foi possível notar a edificação de uma severa e esmagadora “necropolítica tropical”, partilhada pela maioria dos brasileiros.

Em nossa compreensão, um dos aspectos mais cruéis do que se entende por necropolítica está justamente na administração da morte como ferramenta de controle. Mais do que gerir a vida, o poder político, muitas vezes, define quem deve morrer e de que forma isso ocorrerá. Embora essa afirmação possa soar extrema, ela se torna evidente quando observamos as condições em que vivem certos grupos sociais historicamente marginalizados. Quando olhamos para a realidade de comunidades vulneráveis — seja por questões geográficas ou características sociais e culturais —, percebemos que a fronteira entre viver e sobreviver é quase inexistente. Esse é o caso de Stella/Eduardo, Paco (ou La Cucaracha, amigo de Stella, cubano e anti-Fidel Castro) e da população LGBTQIAPN+, que enfrentam diariamente violações de direitos, abandono institucional e índices alarmantes de violência. Esses dados reforçam que a exclusão dessas pessoas não é apenas simbólica, mas, muitas vezes, letal.

Observe-se que os pressupostos da necropolítica constituem-se em uma herança que foi inaugurada no período Colonial, vindo em sua demarcação temporal de um período escravocrata (indígenas e negros), passando pelo Estado Novo e o Governo Militar (ditaduras) e a atualidade (conservadorismo extremo). “As manifestações conservadoras e preconceituosas brasileiras que valorizam algumas vidas em detrimento de outras estiveram historicamente, em menor ou maior grau, diante de nós. Essa é a necropolítica tropical” (Medeiros, 2019, p. 12). O ódio e a violência direcionados para os grupos marginais são gritantes.

A necropolítica tropical atual, que pode ser observada através do conservadorismo extremo, é marcada pela heterossexualidade (em sua esmagadora maioria):

[...] vivemos em uma sociedade em que o pensamento heterossexual firma um contrato social, de modo que viver em sociedade consiste em viver em heterossexualidade. Assim sendo, as identidades de gênero não cisgêneras e as

orientações sexuais não heterossexuais não apareceriam mais do que de forma fantasmática, como desviantes (Medeiros, 2019, p. 10).

Ainda no que se refere ao conservadorismo visto aqui, vemos que a sociedade propaga essas violências extremas por sentirem certa representação e respaldo vindos do ex-presidente:

Bolsonaro incorpora um tipo de conservadorismo encontrado em várias fatias da população brasileira, que visa à manutenção de privilégios de gênero, sexualidade, raça e classe aos já privilegiados e à revogação de direitos conquistados por minorias sociais. Ao dizer sem pudores as frases supracitadas, Bolsonaro mostra quais vidas importam para ele, legitimando hierarquias em que pessoas negras, mulheres, LGBTs, indígenas, apoiadoras de partidos de esquerda e muitas outras são colocadas em grau de inferioridade (Medeiros, 2019, p. 1).

Observamos, a partir desses pontos, que a sociedade, em sua manifestação da heterossexualidade, se beneficia da biopolítica, a fim de agravar seu conservadorismo exacerbado e seu falso moralismo extremo. Aos indivíduos que não se encaixam nesses dois extremos, a resposta é dada com violências, mortes e preconceitos.

Ao lermos *Stella Manhattan*, parece que estamos diante da dura realidade vivida pelo segmento social hoje em dia. Com Bolsonaro no poder, porta-voz de preceitos antiéticos, imorais, genocidas e, ainda, exaltando a violência e a tortura ao enaltecer ditadura militar, percebeu-se que as pessoas não se envergonham de expressar seus preconceitos, seus posicionamentos truculentos e sua ignorância, já que foram avalizadas pelo ex-presidente.

Nesse viés, vemos que Bolsonaro representa a “salvação” para algumas pessoas, seus seguidores, pois ele “traz à tona” os valores “morais e cristãos”, os “bons costumes”, e claro, das desigualdades sociais. Quando nos tornamos e nos colocamos no lugar de Stella/Eduardo, veremos que somos forçados a ser quem não somos, precisamos esconder nossa identidade se quisermos viver, somos retirados de nossas casas, perseguidos e violentados. Silvano Santiago traduz todas essas sensações com *Stella Manhattan*.

A sociedade conservadora representada no romance condiz com a que nos cerca nos dias de hoje. Podemos observar na atualidade que há muitos pais iguais ao de Stella, iguais à vizinha preconceituosa que sempre torcia pela morte de Paco (melhor de amigo de Stella, e porto-riquenho) ou de Stella, iguais ao Coronel Viana ou ao Professor Aníbal, que apoiam a ditadura militar, que partilham o mesmo pensamento de Bolsonaro, que se sentem no poder de escolher quem vive

ou não, que utilizam o lema “Deus acima de tudo e Brasil acima de todos”, como se isso justificasse a necropolítica adotada pelo ex-dirigente do país. Podemos observar isso na passagem:

O Eduardo era certamente, pelas muitas razões que vocês sabem e que vocês julgaram que eu também devia saber, porque as compartilharam comigo, era um rapaz problemático, como, aliás, muitos dos nossos jovens de hoje, influenciados por tudo o que há de mais pernicioso na sociedade permissiva que a contragosto estamos legando aos mais novos (Santiago, 1985, p. 265).

Pensamentos como o da passagem citada voltaram a ser comuns hoje em dia, alimentados pela ignorância e preconceito. Os alcunhados como “cidadãos de bem” fazem uso da ideia de serem “influenciados” porque tudo o que não vem do que é considerada sociedade tradicional é tido como má influência. Pensar dessa forma é fazer uso da razão; segundo a “razão” somos pecadores, segundo a “razão” muitas Stellas da contemporaneidade são mortas diariamente. Acerca da “razão”, Vidarte (2019) nos diz que:

A razão sempre supôs nosso genocídio. Tudo quanto nos fizeram, sempre foi e será feito em nome da razão, do racional e do razoável. Nunca nos exterminaram nem perseguiram gratuitamente, por esporte, sempre houve razões por trás, crenças, religiões, motivos muito decentes e busca do bem. A razão nos prejudica, é um instrumento de poder. Eu sou racional até que me sinto oprimido e urge a pressa de me livrar do pé que pisa no meu pescoço. Os pés homofóbicos estão aí, imprimidos a sola da nossa pele por alguma razão. As bixas, trans e sapas sempre estivemos fodidas por alguma razão, pela Razão. Nunca faltam razões para apedrejar uma trans. Caralho! (Vidarte, 2019, p. 120).

A citação acima, o desabafo do autor, se expressa como mais uma reafirmação do viés político dessa leitura; do viés político presente na literatura e na arte, duramente criticadas e vilipendiadas tanto pelo governante anterior como pelos seus asseclas.

O diálogo da narrativa com a contemporaneidade é evidente: a atemporalidade da temática representada no romance é mais um reforço à resiliência das comunidades. As questões políticas e das dissidências sexuais e de gênero evidenciadas por Santiago conferem com a realidade vivida por muitos grupos sociais marginalizados. As marcas da violência presentes na narrativa de 1985 aparecem ainda mais fortes e severas atualmente. É em nome ainda da razão ou de Deus que o Brasil se consagra como o país que mais mata pessoas LGBTQIAPN+ no mundo.

É por meio da desculpa do “racional” que o ex-presidente do país pregava seu discurso de ódio, alimentado e alimentando uma leva de seguidores. Foi pensando na “razão” que ele disse em uma entrevista: “Quando a união estável entre homossexuais foi aprovada, esbravejou ironicamente que [o] próximo passo será a adoção de crianças por casais homossexuais e a legalização da pedofilia” (BRASIL, L. “Próximo passo será legalizar a pedofilia”, diz Bolsonaro [Internet]. Fonte: Estado de Minas (Jornal Estado de Minas). 2011 mai. 07. Política. Disponível em: [https://www.em.com.br/app/noticia/politica/2011/05/07/interna\\_politica,22602/proximo-passo-sera-legalizar-a-pedofilia-dizbolsonaro.shtml](https://www.em.com.br/app/noticia/politica/2011/05/07/interna_politica,22602/proximo-passo-sera-legalizar-a-pedofilia-dizbolsonaro.shtml)). Pensamentos e falas desses tipos são as mesmas que vincularam o termo “homossexualismo” às doenças ou distúrbios mentais, colocando o grupo social no mesmo patamar hediondo dos agressores sexuais. Com base nesse “racional” distorcido, associando homossexualidade à perversão e pedofilia, disseminando desinformação, apela-se à ignorância de grupos pentecostais (e aos que apenas lucram de um modo ou de outro) para que o preconceito gere violência e morte.

A violência é representada pelo autor de uma forma tão hedionda quanto a que presenciamos na realidade:

[...] Pela manhã, no entanto, o delegado é chamado às pressas pelo carcereiro. Aquele deparou com o corpo do detido, Mr. Silva, todo coberto de sangue, com a cabeça espatifada. O alcoólatra detido à noite tinha-se suicidado. [...] Feito o exame do corpo delicto, constatou-se que, antes do suicídio presumível, ele foi violentado pelos ocupantes da cela, com requintes de sadismo, isso porque, apesar de ter sido encontrado vestido, sua roupa íntima estava manchada de esperma e sangue. O exame do corpo justificou essa conclusão. Acredita-se — na falta de cooperação das testemunhas oculares e possíveis criminosos — que tenha batido a cabeça contra a parede, como um louco (Santiago, 1985, p. 259).

Episódios como o da passagem citada infelizmente estão presentes na vida de inúmeras pessoas da comunidade, principalmente das mulheres trans e travestis, que estão constantemente correndo riscos por trabalharem nas ruas e terem seus direitos negados em situações mínimas. Sobre a passagem citada, Fernandes e Schneider (2017, p. 130) afirmam que “a discriminação contra pessoas que, por burlarem o rígido sistema dos papéis tradicionais de gênero, não tinham o direito de viver, mereciam ser expostas a todo tipo de punição”. Como se não bastasse tirar vidas, o homem sente prazer em violar, torturar para depois matar, deixando ainda os corpos à mostra como se fossem um troféu, servindo como um lembrete de seu poder “sagaz e viril” e do que seria o “certo” e o não o “errado”.

Aquele deparou com o corpo do detido, Mr. Silva, todo coberto de sangue, com a cabeça espatifada. [...] ele foi violentado pelos ocupantes da cela, com requintes de sadismo, isso porque, apesar de ter sido encontrado vestido, sua roupa íntima estava manchada de esperma e sangue (Santiago, 1985, p. 259).

Nessa passagem, fica nítido que a razão da violência extrema não é somente matar, mas também desconfigurar e eliminar a pessoa, mesmo quando já é corpo, mesmo quando não tem mais vida, quando não é mais uma ameaça à razão. Essa crueldade, infelizmente, se perpetua na contemporaneidade. Quem mais são vítimas de violências dessa índole são as mulheres trans e as travestis, por conta da vulnerabilidade social e pela falta de espaços de trabalho, muitas delas ganham a vida se prostituindo.

Assim como o paradeiro desconhecido de Stella no final do romance, assim como a possível execução de Paco no fim da narrativa por ser gay, porto riquenho, comunista e amigo de Stella. A grande parcela da sociedade tradicional e conservadora sente a necessidade de eliminar essas vivências a qualquer custo. A reação dessa sociedade preconceituosa, quando as pautas são as comunidades LGBTQIA+, é a mesma reação da personagem “Vizinha”. Observamos isso na passagem: “Marido: Por favor, me diga quem é comuna? Vizinha: The Puerto-rican you nuts. Marido: Aposto que é. Eles todos são. É por isso que vêm para este país. Para acabar com ele. Vizinha: Pode ficar sem susto que desta vez vão matá-lo” (Santiago, 1985, p. 275). Silviano Santiago abordou a questão do preconceito de uma forma tão realista que ele até mesmo pensou no falso discurso que os indivíduos preconceituosos usam em “nome de Deus”.

No excerto intitulado “Proclamação”, as personagens dessa passagem utilizam o cristianismo como pano de fundo para justificar a possível execução de Paco. “O Cristianismo santifica tudo e não destrói coisa alguma, exceto o Pecado” (Santiago, 1985, p. 273). Trazendo a observação para a nossa sociedade, vemos que é justamente o que ocorre hoje em dia. Os “cidadãos de bem” usam a religião para justificar seu ódio, preconceito e ressentimento. É em nome de Deus que eles são homofóbicos, transfóbicos, machistas, misóginos, “acima de tudo”. Diante disso, é preciso reconhecer como discursos religiosos, quando instrumentalizados pelo conservadorismo, deixam de promover amor e acolhimento para sustentar sistemas de opressão e violência. A fala das personagens em *Stella Manhattan* dialogam com a dura realidade: revela como o sagrado pode ser distorcido para legitimar o injustificável. Em uma sociedade que se diz guiada pela fé, é urgente resgatar

princípios de empatia e justiça, sob pena de continuarmos a sacrificar vidas em nome de um moralismo que nada tem de divino.

Por fim, a discussão sobre o impacto político da literatura militante em *Stella Manhattan* pode ser fortalecida ao incorporar o conceito de “artivismo”, especialmente quando se busca pensar a produção cultural como intervenção sensível para abordagem. Nesse sentido, o artivismo é definido como categoria ainda em consolidação, mas capaz de nomear práticas estético-políticas de resistência: “Artivismo é um neologismo conceptual ainda de instável consensualidade [...]”, (Raposo, 2015 *apud* Colling, 2019, p. 13) e “consolida-se assim como causa de e reivindicação social e simultaneamente como ruptura artística” (Raposo, 2015, *apud* Colling, 2019, p. 13). Tal abordagem permite compreender que o potencial político de uma obra literária não se limita aos efeitos macropolíticos, mas também incide na reorganização dos modos de percepção e subjetivação. Assim, a literatura pode operar em chave micropolítica, tensionando a reprodução de regimes normativos, uma vez que “a questão micropolítica é a de como reproduzimos (ou não) os modos de subjetividade dominante” (Guattari; Rolnik, 1986, *apud* Colling, 2019, p. 145). Nesse prisma, *Stella Manhattan* pode ser lido como texto literário que desestabiliza normas e reorganiza imaginários, não apenas por tematizar dissidências, mas por produzir deslocamentos no modo de narrar e de construir subjetividades em um contexto político cujos efeitos atravessam o passado e permanecem legíveis na contemporaneidade.

## Considerações finais

A temática abordada neste trabalho integra um projeto de pesquisa (PIBIC) desenvolvido e finalizado em 2020 na Universidade Federal do Amazonas (UFAM), cuja continuidade ocorreu após o ingresso no Programa de Pós-graduação da Universidade Federal de Roraima (UFRR), sob orientação do professor Dr. Francisco Alves. A escolha da obra e dos enfoques citados deu-se a partir de leituras, reuniões e discussões realizadas pelo grupo de pesquisa *Relações de gênero, poder e violência em literatura de língua portuguesa*, organizado pela professora Dra. Nícia Petreceli Zucolo.

Vimos que a literatura *queer* surge como um grito de esperança e representatividade para as comunidades tidas como “minorias”, reivindicando as lutas dessas comunidades. Ela dá voz às temáticas que a literatura tradicional e o nosso cânone literário, corriqueiramente, excluem ou apresentam em segundo plano.

Nesse ponto, é importante valorizar autores que fazem valer o seu lugar de fala ao nos apresentarem narrativas nessa linha, com vivências particulares e peculiares que, a partir de sua marca identitária, geram a empatia e promovem o exercício da alteridade — de certa forma, um dos propósitos atribuídos à literatura e à arte. Entretanto, como em outros meios de interação e produção, há autores que utilizam esse espaço e essa causa apenas para menosprezar e desvalorizar as lutas dessas classes, repetindo e reforçando o vício da literatura hegemônica. Afinal, falam, também, de um lugar específico que ocupam: um *status quo* canônico que reafirma tudo aquilo que se vem discutindo nesse artigo.

A leitura e o reconhecimento desse romance são de extrema importância, pois dialoga com situações enfrentadas, na contemporaneidade, pelas comunidades LGBTQIAPN+. Dialoga, também, com a repressão política e o conservadorismo extremo evidenciados por parte da população e pelo governo anterior — de forma mais insidioso, hoje, do que na época da narrativa.

Atualmente, a repressão, a censura, a ignorância e a truculência vêm disfarçadas por um discurso pseudo histórico (pseudocientífico, até), sustentado por uma rede montada à serviço da desinformação e da disseminação de informações falsas. Na época, a violência era explícita: era possível direcionar a resistência de uma forma articulada. Mas e hoje? Como resistir, como lutar? Como combater esses preconceitos?

Trazer essa narrativa literária e a discussão sobre o que ela representa para a nossa realidade é entender que homofobia e preconceito não se resumem apenas a insultar a comunidade de “bicha” ou outros termos pejorativos, mas dizem respeito, principalmente a:

Colocar uma venda nos nossos olhos e não enxergar que a homofobia não é te chamarem de bixona e você ter que dar no pé ou fazer uma denúncia, mas que homofobia é uma bixa não ter onde morar, não ter trabalho, nem poder ocupar cargos de responsabilidade, o fato de a adoção não ser tão fácil, de continuarem perguntando se ela “ouve vozes” quando vai fazer uma operação de mudança de sexo, de continuarem considerando-a uma doente de disforia e de ser prescrito um acompanhamento psiquiátrico porque, para a lei, sua saúde mental continua sob suspeita (Vidarte, 2019, p. 74).

Trabalhos e discussões voltados para essa área são de extrema importância, para que as Stellas da vida real não tenham sua estrela apagada. “A existência política nasce de uma posição de sujeito que luta” (Vidarte, 2019, p. 61). Estivemos diante de uma pandemia, mas a pandemia da LGBTQIA+fobia se faz presente

desde sempre em nossa sociedade: ela mata, recrimina, tira o direito de viver desses segmentos sociais, de amar e de ser quem são. Diante disso, é necessário que haja mais atenção para a temática abordada, a fim de que não ocorra o mesmo erro cometido pela literatura tradicional e pelo nosso cânone literário. Devemos sempre lutar, resistir e persistir. Pois, falar e ser escutado é um ato de poder.

## REFERÊNCIAS

BARTOLOMEI, Fernanda. *Exílio e homossexualidade em Stella Manhattan de Silviano Santiago e El beso de la mujer araña de Manuel Puig*. 2010. Tese (Doutorado em Letras) — The University of New Mexico, Albuquerque, 2010. Disponível em: [https://digitalrepository.unm.edu/span\\_etds/6](https://digitalrepository.unm.edu/span_etds/6). Acesso em: 28 nov. 2021.

BORBA, Rodrigo. Falantxs transviadxs: linguística queer e performatividades monstruosas. *Cadernos de Linguagem e Sociedade*, Dossiê: Perspectivas queer nos estudos da linguagem, UnB, v. 2, n. 21, p. 388-409, 2020.

BRASIL, Luisa. “Próximo passo será legalizar a pedofilia”, diz Bolsonaro. *Estado de Minas*, 7 maio 2011. Política. Disponível em: [https://www.em.com.br/app/noticia/politica/2011/05/07/interna\\_politica,226082/proximo-passo-sera-legalizar-a-pedofilia-diz-bolsonaro.shtml](https://www.em.com.br/app/noticia/politica/2011/05/07/interna_politica,226082/proximo-passo-sera-legalizar-a-pedofilia-diz-bolsonaro.shtml). Acesso em: 5 jan. 2022.

BUTLER, Judith. *Gender trouble: feminism and the subversion of identity*. New York: Routledge, 1990.

CANDIDO, Antonio. O direito à literatura. In: CANDIDO, Antonio. *Vários escritos*. 4. ed. Rio de Janeiro: Ouro Sobre Azul; São Paulo: Duas Cidades, 2004.

COLLING, Leandro (org.). *Artivismos das dissidências sexuais e de gênero*. Salvador: EDUFBA, 2019.

COSSON, Rildo. *Letramento literário: teoria e prática*. São Paulo: Contexto, 2006.

DALCASTAGNÈ, Regina. A autorrepresentação de grupos marginalizados: tensões e estratégias na narrativa contemporânea. *Letras de Hoje*, Porto Alegre, v. 42, n. 4, p. 18-31, dez. 2007.

DURÃO, Fábio A. Do texto à obra. *Remate de Males*, Campinas, v. 31, n. 1, p. 63-76, 2011. DOI: <https://doi.org/10.1590/S1517-106X2011000100005>. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/S1517-106X2011000100005>. Acesso em: 27 nov. 2025.

FERNANDES, Bruno. Literatura e identidade: poesia de representação em busca de uma cidadania negada. *O Cabo dos Trabalhos*, Coimbra, n. 06, p. 1-29, jan./jun. 2011. Disponível em: <https://cabodos-trabalhos.ces.uc.pt/n6/documentos/04-BrunoFernandes.pdf>. Acesso em: 29 nov. 2021.

LIMA, C. H. L.; CAETANO, M. Deriva e exílio sexuais: sobre *Stella Manhattan*, de Silviano Santiago. *Estudos de Literatura Brasileira Contemporânea*, Brasília, n. 54, p. 319-337, maio/ago. 2018. DOI: <https://doi.org/10.1590/10.1590/2316-40185417>. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/10.1590/2316-40185417>. Acesso em: 28 nov. 2021.

LUNGUINHO, Mayanne. *As marcas da ditadura militar brasileira presentes no romance Stella Manhattan*. 2019. Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Letras — Língua Portuguesa) — Universidade Federal de Campina Grande, Cajazeiras, 2019. Disponível em: <http://dspace.sti.ufcg.edu.br:8080/js-pui/handle/riufcg/11892>. Acesso em: 27 nov. 2021.

MEDEIROS, Ettore Stefani. Necropolítica tropical em tempos de pró-Bolsonaro: desafios contemporâneos de combate aos crimes de ódio LGBTfóbicos. *Reciis — Revista Eletrônica de Comunicação, Informação e Inovação em Saúde*, Rio de Janeiro, v. 13, n. 2, p. 287-300, abr./jun. 2019. Disponível em: <https://www.reciis.icict.fiocruz.br/index.php/reciis/article/view/1728/2271>. Acesso em: 27 nov. 2021.

OLIVEIRA, Rejane Pivetta de. Literatura marginal: questionamentos à teoria literária. *Ipotesi, Juiz de Fora*, v. 15, n. 2 (Especial), p. 31-39, jul./dez. 2011. Disponível em: <https://pt.scribd.com/document/205165649/Oliveira-Rejane-Literatura-Marginal-Questionamentos-a-Teoria-Literaria-pdf>. Acesso em: 29 nov. 2021.

ORNELLAS, Sandro. Travestimento e escrita (Disguising and writing). *Revista Eletrônica do Instituto de Humanidades*, v. 7, n. 28, p. 17-26, 2009. Disponível em: <https://granrio.emnuvens.com.br/reihm/article/view/206>. Acesso em: 27 set. 2025.

PENHA OLIVEIRA, Lígia Vanessa; SANTOS, Jonas Vinicius Albuquerque da Silva. Ditadura militar e teoria queer em *Stella Manhattan*, de Silviano Santiago. *Revista de Letras – Juçara*, v. 5, n. 2, p. 125-143, 2021. DOI: <https://doi.org/10.18817/rlj.v5i2.2670>. Disponível em: <https://ppg.revistas.uema.br/index.php/jucara/article/view/2670>. Acesso em: 27 nov. 2025.

QUILAN, Susan. Travestimentos: gênero e ficção em Silviano Santiago. *Revista Gênero*, Niterói, v. 9, n. 2, p. 75-92, 1. sem. 2009. Disponível em: <https://periodicos.uff.br/revistagenero/article/view/30905/17994>. Acesso em: 5 jan. 2022.

RODRIGUES, Carla. Performance, gênero, linguagem e alteridade: J. Butler leitora de J. Derrida. *Sexualidad, Salud y Sociedad: Revista Latinoamericana*, n. 10, p. 140-164, 2012. DOI: 10.1590/S1984-64872012000400007. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/S1984-64872012000400007>. Acesso em: 28 nov. 2025.

SANTIAGO, Silviano. *O cosmopolitismo do pobre*. Belo Horizonte: Editora da UFMG, 2004.

SANTIAGO, Silviano. O homossexual astucioso (Primeiras — e necessariamente apressadas — anotações). *Brasil/Brazil: A Journal of Brazilian Literature*, v. 13, n. 23, 2000.

SANTIAGO, Silviano. *Stella Manhattan*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1985.

SOUZA, Eneida Maria de. Sujeito e identidade cultural. *Revista Brasileira de Literatura Comparada*, v. 1, n. 1, p. 34-40, 1991. Disponível em: <https://revista.abralic.org.br/index.php/revista/article/view/4/5>. Acesso em: 27 nov. 2021.

VIDARTE, Paco. *Ética bixa: proclamações libertárias para uma militância LGBTQ*. São Paulo: N-1 Edições, 2019.

Recebido em: 27/09/2025

Aceito em: 01/02/2026

